



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

VISITA A PAU DOS FERROS *

Pau dos Ferros, RN
28 de outubro

O Chefe do Governo enaltece o Programa Nacional de Irrigação, por acreditar que somente ele poderá transformar o Nordeste.

Trouxe um discurso escrito, porque é do cerimonial da Presidência que o Presidente deve guardar a memória do seu Governo em palavras escritas que ficam como depoimento para a História.

Mas, depois das palavras que aqui ouvi do senhor prefeito da cidade, do ministro Aluísio Alves, do ministro Vicente Fialho e do governador Geraldo Melo, entregarei o discurso para ser publicado. Mas, para que o coração fale com mais espontaneidade, para que a alma possa se abrir neste encontro do Presidente com o povo, talvez dos mais sofridos do Brasil, eu resolvi dizer estas palavras numa conversa do Presidente para com o povo de Pau dos Ferros e deste sertão.

O Governador apresentou-me o povo e disse que queria apenas mostrar o seu povo, dizer quem ele era: trabalhador, honesto, honrado, cheio de esperanças e de fé. Isto me obriga também a dizer às brasileiras e brasileiros que aqui estão, que vieram nesta tarde para ver o Presidente da

* Improvisado.

República: o Presidente tem a obrigação de, depois de ouvir do governador a apresentação do povo, também dizer quem ele é e apresentar-se ao povo.

O Presidente da República não é nenhum mágico. O Presidente da República não é nenhum santo que possa fazer milagres. O Presidente da República, José Sarney, é um homem igual a qualquer um dos senhores que está na praça pública neste instante. Com os mesmos defeitos e com as mesmas virtudes. E com uma virtude a mais que é a de ser um Presidente, cujas raízes estão plantadas neste Nordeste brasileiro. Um Presidente que ouviu na sua infância a história das secas como a tônica da sua família, através do relato sofrido e veraz do seu avô, tangido pelas secas deste Nordeste, aqui ao lado mesmo da Paraíba, do Ingá do Bacamarte, em busca dos ares do Maranhão úmido, onde lá colocou roça, trabalhou a terra com as mãos calejadas, cortou matas, desafiou animais, plantou cereais, viveu e sobreviveu afirmando, para mim sempre, na minha convicção e no seu exemplo, o que é esse valeroso povo de andantes, que é o povo do Nordeste do Brasil.

O Presidente é um homem que não tem ódio no coração, que não sabe ter ódio, que nunca desejou saber ter ódio, que não tem ressentimentos, porque acha que o ressentimento é a pior coisa da vida, porque ele, quando se coloca na pessoa, não fica contra aqueles que nutrem nossos ressentimentos, mas destruindo a nós mesmos. Por isso o Presidente não tem ressentimentos. Nunca teve, e nem é homem de ressentimentos.

O Presidente é um homem que não é homem de bravatas. O Presidente é um homem que sabe ouvir, que sabe escutar, que tem a virtude da paciência. Mas, que nos momentos em que precisa valer-se da coragem ela nunca lhe tem faltado, e eu nunca faltarei a ela.

O Presidente é um homem que tem fé. O Presidente é um homem que acredita em Deus. O Presidente é um homem que nas Nações Unidas, quando teve que falar em nome do Brasil, foi advertido pelo Ministério das Relações Exteriores de que lá nós não podíamos falar em Deus porque era uma assembléia de nações, muitas delas que eram materialistas e

que não acreditavam em Deus. Eu disse ao Itamarati: «Recuso as recomendações.» E minha palavra foi a seguinte: «maltido o homem que na face da Terra não acredita em Deus». Eu acredito em Deus.

O Presidente é um homem capaz de emocionar-se, de ouvir as palavras que aqui foram proferidas, e manter a postura que o seu cargo exige, mas dentro da minha alma sabe guardar a recordação e a emoção dos vossos braços levantados neste sertão em que, como disse o senhor prefeito, nunca veio um Presidente da República, e eu não sei se depois de mim algum dia virá um.

Estou aqui para dar, com a minha presença, o prestígio da autoridade do governo ao Programa Nacional de Irrigação. E como sou um homem de fé, eu acreditei desde os primeiros momentos na irrigação, porque só ela pode transformar o Nordeste. Eu ouvi aqui do ministro Vicente Fialho a palavra de que o governador Geraldo Melo disse que com 50 mil hectares irrigados ele acabava com a seca no Rio Grande do Norte. Eu acredito que 1 milhão de hectares irrigados acaba com a seca no Nordeste inteiro. Por isso o nosso programa de 1 milhão de hectares irrigados começou, pegou e não pára mais. Mesmo que eu não tenha a felicidade de ver um milhão de hectares irrigados no meu Governo, mesmo fora da República, um dia vou comemorar, na minha solidão, um milhão de hectares irrigados no Nordeste.

E neste dia, eu também acredito, não haverá mais seca no Nordeste.

Israel, um país pequeno, tem 170 mil hectares irrigados. Com 170 mil hectares irrigados, Israel produz alimentos para o seu país, exporta alimentos, gera divisas, é um país rico.

Os Estados Unidos têm a Califórnia que, como eu disse há pouco na Paraíba, era mais seca e de pior solo do que o Nordeste. E no entanto a Califórnia é hoje o maior, o mais rico estado dos Estados Unidos, através do milagre, do trabalho do homem conjugado com a água e a tecnologia. É isto que o Nordeste precisa e que nós começamos. Criamos o Ministério da Irrigação. E se alguém quiser du-

vidar do que é o programa de irrigação vamos ver este sertão, este sertão que a gente, voando, olha naquela visão vertical, onde as árvores têm a cor da terra e se confundem com a terra e não podem se confundir com os animais porque os animais já fugiram ou já morreram.

Também se passa aqui, como eu vim de ônibus, pelo perímetro, e olhei o gergelim verde, amaciado pela mão do vento, verde com seus galhos verdes — e aí eu me lembraria de Lorca: «verde que te quero verde».

Então, eu olhei do outro lado o algodão em plena seca e sertão, abrindo a sua flor, a flor do algodão, para que ele possa amanhã vir melhorar a vida daquele que o plantou. Eu vi o feijão seco, mais seco, para ser colhido, e ouvi o relato do Secretário da Agricultura ao me dizer que a produção por hectares é hoje de cerca de mil quilos. Que milagre ocorreu? Nenhum. Foi o milagre da irrigação, esse milagre que vai transformar o Rio Grande do Norte, que vai transformar o Nordeste.

O governador Geraldo Melo acreditou na irrigação. Vai ser o governador da irrigação. Vai transformar o Rio Grande do Norte para que ele não seja vítima da seca. Porque a seca não é um fenômeno, a respeito do qual nós temos obrigação de dizer que não podemos fugir dele. No Deserto do Saara não chove e ninguém se queixa da seca lá, porque lá não existe ninguém. Aqui, a seca existe como fenômeno sociológico, porque aqui existem os homens e as mulheres do Brasil que habitam este País desde o tempo da sua descoberta.

Portanto, o que nós temos é que conjugar o esforço e o trabalho para que se aproveitem as condições que aí estão e com elas o homem possa se libertar dessa limitação da natureza.

Disseram-me, certa vez, que um homem do Sul chegou aqui no Nordeste e perguntou: «A terra é boa?» E o nordestino respondeu: «A terra é boa, o céu é que não presta.»

Pois bem, nem o céu deixa de prestar. No Nordeste é este céu que dá este sol, que faz com que, em Petrolina, pelo milagre da irrigação, se possa produzir tomates

durante nove meses do ano; se possa produzir frutos durante o ano inteiro; e se possa montar uma agroindústria de tomates, quando na Europa e no mundo inteiro as maiores indústrias de suco de tomate apenas têm produção de quatro meses por ano.

Portanto, até o céu do Nordeste é um céu bom pelo sol que ele tem.

Este Programa de Irrigação é um projeto... eu tinha até uma relação de projetos que já estão nascendo e estão florescendo, como aqui começam a nascer as plantas nas áreas de irrigação. São projetos, já hoje, no Nordeste inteiro. De barragens que são inauguradas, de perímetros que são feitos. Só eu mesmo, para prestigiar a irrigação, já fui ao Projeto da Califórnia, já fui ao Projeto de Juazeiro, já fui, hoje, lá, ao Projeto de Cajazeiras. Hoje estou aqui, vou à tarde na Maisa, no próximo mês já voltarei ao Nordeste para ir ao Vale do Gurguéia, para ir ao Baixo Parnaíba, para ir ao Vale do Pindaré e do Mearim, do Rio Flores e do Rio Corda, para ver projetos de irrigação que estão nascendo, como árvores no deserto, neste Nordeste sofrido do Brasil inteiro.

Pois bem, é este Presidente que acredita nas coisas, que tem sentimentos, que tem alma e que pode ter emoção, que os senhores têm, hoje, aqui, em Pau dos Ferros. Com uma responsabilidade maior. A responsabilidade do carinho com que foi recebido, das mãos que foram levantadas, das mãos que foram apertadas, sobretudo, de ser o primeiro Presidente do Nordeste a visitar esta região do sertão, não só do Rio Grande do Norte, mas de todo este sertão aqui do nosso Nordeste.

E o que nós queremos é que no futuro o Nordeste não seja este filho pobre do Brasil. É que ele esteja à altura dos outros estados. Que ele não seja assistente do progresso, mas participante do progresso. E que entre vocês, no meio do povo, na multidão deste Nordeste inteiro, também estejam um, dois, três, quatro netos de nordestino que no futuro, também, sejam presidentes da República.

Nós todos que aqui estamos somos homens políticos velhos. E a velhice faz com que sempre na vida política a gente conheça as duas margens do rio. A margem da opo-

sição e a margem do governo. Eu também, como velho político, conheço as duas margens. E por isso também devo dizer aos senhores que o poder, para mim, ele não me transforma em nada, porque eu conheço a sua fragilidade, conheço a maneira com que ele passa. Eu sei que ele é difuso. Eu sei, com realismo, o que é o poder. Portanto, o poder a mim não me transforma e não me altera de nenhum modo. Porque eu passo por ele, como dizia aquele cantador do Nordeste, como o sol pela vidraça. Do mesmo jeito.

Pois bem, afirmo aos políticos de oposição: eu sei, porque fui da oposição, o que são os arroubos da oposição. É como o governo. A gente sente como eu tenho passado duramente na Presidência da República. Não tive um dia que não fosse um dia de luta. Eu, como Geraldo, também não fiz promessas na campanha. Ele, porque foi candidato, não prometeu. Eu, porque fui candidato, nem tive a oportunidade de prometer.

Mas, fiz para comigo mesmo uma promessa: de ter a dimensão histórica deste lugar. De saber o que ele significa perante a História. De conhecer o povo brasileiro. De saber das nossas dificuldades. E de viver, dia e noite, com paixão, a vontade de acertar e de ser humilde diante das dificuldades. Isto, entretanto, não nos redime de receber, muitas vezes, muitas injustiças.

Outro dia, eu recebi uma carta do velho Vilaça, de Limoeiro, pai do meu amigo Marcos Vilaça. Ele, tentando me consolar, dizia: «Você já foi oposição e sabe os arroubos da oposição. Aqui, em Limoeiro, teve uma seca e durante a seca nós fomos fazer um comício contra o governo. E no final um orador mais arrebatado dizia assim: «Governo preguiçoso, por que não chove? Chove, governo vagabundo!»

Então, tendo alma para compreender, tendo o coração largo, como disse o governador Geraldo Melo, para saber que depois da vitória, no governo, todos são brasileiros. É com essa visão, também, que eu governo o Brasil.

E hoje, aqui estou, humildemente, para agradecer ao governador Geraldo Melo a bondade de suas palavras. Pa-

ra agradecer a Aluísio a emoção dos adjetivos generosos. Para dizer ao senhor prefeito o meu agradecimento pelas suas palavras, em nome do Governo da cidade. E como Presidente não pode chegar sem dizer que trouxe algum pedido do governador e da bancada deferido, eu não posso terminar este discurso sem dizer que assinei, ontem, uma autorização de 300 milhões de cruzados para terminar o porto do Rio Grande do Norte.

Se eu pudesse, eu, político que gosta do povo, que sempre fui político popular, ao lado do povo, eu mergulharia, aí, no meio de vocês, brasileiras e brasileiros, para abraçar cada um, apertar a mão de cada um, como quis fazê-lo há pouco, lá na Paraíba, para dizer-lhes muito obrigado.

Mas, não podendo fazê-lo, eu aqui, nestas palavras, entrego a todos vocês o coração do Presidente do Nordeste da Irrigação, que foi o primeiro Presidente a vir a Pau dos Ferros, e que não seja o último a ver o verde nascer no meio da seca mais desoladora da região.